



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13178 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas

### A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DE EJA EM RELAÇÃO À CONSTRUÇÃO DE SUA IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL

Célia Tanajura Machado - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Celeste Pimentel - SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA

### A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DE EJA EM RELAÇÃO À CONSTRUÇÃO DE SUA IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL

**Resumo:** O trabalho visa analisar a percepção dos estudantes do Centro Territorial de Educação Profissional (Cetep) - Sertão Produtivo, situado na cidade de Caetitê-Bahia, em relação à sua identidade e ao seu pertencimento étnico-racial. Metodologicamente, são apresentados referenciais teóricos sobre questões étnico-raciais e dados empíricos provenientes de depoimentos de estudantes do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja). Os resultados, obtidos por meio da Análise de Conteúdo, evidenciam a necessidade de ações escolares e sociais junto aos estudantes do Cetep-Sertão Produtivo, para que se possa permitir desvelar o mito da democracia racial, assim como possibilitar a construção de uma identidade positivada de pertencimento étnico-racial.

**Palavras-chave:** Pertencimento étnico-racial, identidade positivada, racismo; mito da democracia racial.

O presente texto tem como objetivo compreender a institucionalidade da Lei nº 10.639/2003 no currículo do Centro Territorial de Educação Profissional (Cetep) - Sertão

Produtivo. No campo empírico, a pesquisa contou com a participação de 14 estudantes matriculados no Curso de Educação Profissional Técnica de Nível Médio (EPTNM) em Secretariado, ofertado pelo Proeja. As informações foram obtidas por meio de depoimentos de estudantes, concedidos em diálogos ocorridos durante intervenção formativa, realizada no ano de 2016, sobre a temática em estudo, cujos processos atenderam aos padrões de ética na pesquisa. As informações foram analisadas por meio da Análise dos Conteúdo (FRANCO, 2005) e buscou-se visibilizar as vozes dos sujeitos da pesquisa, a partir de categorias analíticas e/ou filosóficas e empíricas pré-estabelecidas nos estudos teóricos e/ou emanadas do campo empírico, as quais, neste texto, se referem à identidade e pertencimento étnico-racial. Desse modo, o objetivo deste trabalho é analisar a percepção dos estudantes do Centro Territorial de Educação Profissional (Cetep) - Sertão Produtivo, situado na cidade de Caetité-Bahia, em relação à sua identidade e ao seu pertencimento étnico-racial.

A faixa etária da maioria dos estudantes está entre 20 e 23 anos, mas encontra-se uma estudante com 47 anos, outra com 38 anos e uma com 31 anos. A turma é composta pela maioria de estudantes do sexo feminino, com idades entre 22 e 47 anos. Os quatro sujeitos do sexo masculino que participaram do estudo possuem entre 19 e 21 anos. Quanto à cor, três estudantes se autodeclararam brancos, uma da cor amarela e dez outros estudantes se autodeclararam pardos e negros.

### **A percepção da identidade étnico-racial dos estudantes do Proeja**

Para Munanga (2009), Gomes (2001) e outros pesquisadores do campo das questões étnico-raciais, a identidade é a autodefinição de si em que cada um ou grupo étnico se define com o objetivo de unicidade do grupo para preservar seus aspectos físicos, culturais, sociais. Para tanto, essa identidade passa a ser aceita por todos aqueles que fazem parte do grupo.

Na pesquisa realizada, foi observado de que os estudantes, em sua maioria, possuem fenótipo negro, mas, quando perguntados sobre a cor a que se percebiam, boa parte deles se identificam como pertencentes a uma cor variante da preta (43%), enquanto 36% como da cor preta. Considera-se que a identificação pessoal assume especial importância para o indivíduo na sociedade. Nesse sentido, reiteramos o que aponta Boaventura de Souza Santos (2003), ao reafirmar a importância do reconhecimento da identidade para o povo negro, considerando que ela permite construir um referencial de grupo e de pertencimento, pois:

[...] a identidade de uma pessoa é algo que se constrói ao longo do tempo e que se transforma continuamente pela vida afora. É na minha relação com o mundo que eu vou tecendo minhas referências, as quais vão permitir que eu me reconheça enquanto pessoa. A identidade é ainda algo que possibilita diferenciarmos dos demais. (SANTOS, 2003, p.1)

Portanto, quanto os estudantes dizem possuir traços misturados, acreditamos que lhe falta uma referência para se associar a um grupo, ou o reconhecimento étnico-racial. Na identificação da cor preta e das variantes dessa cor - como a parda - observa-se que os

estudantes demonstravam certo orgulho em ter a sua cor miscigenada com a branca, evidenciando certo valor ao processo de embranquecimento ocorrido na família via algum membro. Nesse sentido, sinalizam-se, dois depoimentos dos estudantes que permitem a reflexão sobre isso:

Meu registro de nascimento diz que sou de cor parda. Mas em minha família é uma mistura, meus avós paternos são brancos, meu avô paterno é negro (descendente de escravos) e minha avó branca. Minha mãe é morena e meu pai branco. E eu sou morena, mas me considero negra, corre o sangue negro em minhas veias [...] (Estudante 5)

Eu me considero negro, porque apesar da minha pele não ser muito escura eu sou neta e bisneta de índios. No Brasil principalmente todos que tem pele clara branca ou negra são fruto do processo de miscigenação e nem sempre é a aparência que conta. Acho um absurdo quando pessoas da pele clara se acham no direito de ofender alguém que não é da sua cor.[...]. (Estudante 9)

A construção de uma identidade positiva, segundo Munanga (1994), engloba fatores históricos, psicológicos, linguísticos, culturais, político-ideológicos e raciais. Por isso, de acordo com Valente (1995)

[...] ser negro no Brasil [...] significa esclarecer aos outros negros e seus descendentes, o papel fundamental que eles têm a desempenhar para mudar a situação racial. Significa, também, conhecer quem está ou pode contar na sua luta, ou seja, conhecer quem está comprometido com a luta do negro. (VALENTE, 1995, p. 46).

Na atividade formativa realizada junto aos estudantes, buscou-se debater a questão do racismo e do mito da democracia racial. Ainda segundo Valente (1995, p.45), o racismo é “uma agressão surda, silenciosa ou sentida nos olhares desconfiados e no tratamento desdenhoso”. Helio Santos (2001) nos alerta que:

[...] o preconceito racial ocorre quando uma pessoa ou mesmo um grupo sofre uma atitude negativa por parte de alguém que tem como padrão de referência o próprio grupo racial. [...] racismo e preconceito racial não são coisas equivalentes [...]. O racismo ocorre quando se atribui a um grupo determinados aspectos negativos em razão de suas características físicas ou culturais. (SANTOS, 2001, p. 3)

Outra questão que foi debatida com os estudantes foi o mito da democracia racial, que foi incorporado por meio das ideias e do ideal de branquitude, que teve como marco o processo de migração europeia, iniciado logo após a abolição da escravatura. Esse mito, em seu sentido ideológico, falseia uma realidade vivenciada pelos negros no país, como se todos fossem iguais e tivessem os mesmos direitos, quando não é o que ocorre, em função de sua cor. Sobre o mito, Souza (1983) acredita que ele objetiva:

[...] escamotear o real, produzir o ilusório, negar a história e transformá-la em ‘natureza’. Instrumento formal da ideologia um mito é um efeito social [...]. Enquanto produto econômico político- ideológico, o mito é um conjunto de representações que expressa e oculta uma ordem de produção

de bens de dominação e doutrinação. (SOUZA, 1983, p. 25).

A percepção de uma estudante sobre a negritude e as questões raciais e sociais evidencia esse mito no âmbito das desigualdades sociais:

Muitos negros perambulam pelas ruas sem qualquer expectativa de melhoria das condições de vida, sem estudar, sem trabalhar, é claro que não são só negros, mas principalmente negros e aí todos da sociedade lhe viram as costas, isso é discriminação ou, não é? (Estudante 1)

Nesse contexto perguntamos aos estudantes sobre as diferenças de oportunidades e direitos entre brancos e pretos na sociedade brasileira e 64% deles as afirmaram. Compreendem a cor da pele ainda como um elemento decisório de inclusão e exclusão social. A estudante 8, por exemplo, entende que "existem diferenças entre aqueles que são brancos e os que são negros, pois muitas vezes os negros são insolados, não têm muita oportunidade de trabalho, de um bom emprego e até na escola ele precisa de cotas para entrar (Estudante 8). Esse depoimento sinaliza a importância da defesa de uma bandeira pela escola, de forma a implementar práticas sociais antirracistas, superando o marco excludente, restritivo, autoritário e elitista que marcou a história do povo brasileiro. Nesse contexto, destaca-se a importância do movimento negro, entendido por Gomes (2011) como:

[...] um sujeito político, com uma trajetória histórica, integrante do contexto atual da organização dos movimentos sociais e participante da articulação transnacional com outros movimentos e ONGs na luta pela construção de uma sociedade democrática. (GOMES, 2011, p. 1)

Gomes (2011) ainda destaca a participação e as contribuições dos movimentos sociais negros na formulação das Políticas Públicas voltadas para a superação das desigualdades e discriminação racial no Brasil.

Os sujeitos constroem a sua história e a sua identidade de forma singular. São inúmeros os casos de preconceitos e injúrias raciais. Entretanto, o Brasil tem uma diversidade étnico-racial grande. As raças que nele habitam são antropológicas, como bem salienta Fernandes (2005). Para ele, o colonizador não conseguiu

[...] apagar as culturas indígena e africana. Muito pelo contrário, o colonizador europeu deixou-se influenciar pela riqueza da pluralidade cultural de índios e negros. No entanto, o modelo de organização implantado pelos portugueses também se fez presente no campo da educação e da cultura. Apesar desse fato incontestável de que somos, em virtude de nossa formação histórico-social, uma nação multirracial e pluriétnica, de notável diversidade cultural, a escola brasileira ainda não aprendeu a conviver com essa realidade e, por conseguinte, não sabe trabalhar com as crianças e jovens dos estratos sociais mais pobres, constituídos, na sua grande maioria, de negros e mestiços. (FERNANDES, 2005, p. 379).

O papel da escola é fundamental para a valorização das culturas. Freire (2011) enfatiza que escola está inserida em uma sociedade de classe, portanto a educação é classista

e nela encontramos os antagonismos sociais, mas, também, é nesse processo de antagonismo que é possível exercer uma pedagogia libertadora, em que o respeito às diferenças seja, não apenas um conteúdo, mas uma concepção educativa. Ainda na pesquisa realizada, os estudantes afirmam que é importante que a escola discuta as questões étnico-raciais do povo negro, pois assim torna-se possível uma compreensão maior das suas origens.

Penso que temos que compreender esses conteúdos envolvendo o negro na sociedade, pois só assim, vamos entender o racismo e podemos lutar contra ele, na vida das pessoas (Estudante 5).

Acho importante porque vai diminuir o racismo e a sociedade fica bem-informada, assim como os estudantes. (Estudante 10)

Quando a escola ensina esses temas nos ajuda a promover a igualdade e a necessidade da valorização dos negros e da cultural que é de todos nós. (Estudante 11)

É importante sim, pois assim aprendemos sobre as origens da nossa cor e diminuir a discriminação para com essas pessoas. (Estudante 12)

Helio Santos (2018) nos fala sobre a negação da identidade negra nos diversos setores do país, o que é fortemente constatado na fala dos estudantes, quanto eles afirmam o ensino como recurso para promover a igualdade e diminuir o racismo na sociedade, o que nos leva a inferir que carecem de informações positivas sobre a sua origem:

Não há setor da vida nacional – público ou privado, civil ou militar, laico ou religioso- no qual o racismo brasileiro, simulado ou mais explícito, não opere contra os negros-descendentes. Não estamos aqui fazendo uma afirmação ideológica; trata-se de uma constatação científica aferida e quantificada por inúmeras pesquisas das mais diferentes áreas. (SANTOS, 2018, p. 160)

Os dados da pesquisa corroboram com a afirmação do autor quando revelam que a auto-baixa-estima e a falta de identidade positiva levam o indivíduo a rejeitar-se ou não se identificar com o seu grupo étnico. Ressaltamos a importância da denúncia do tipo sofisticado, dissimulado e segregacionista que o racismo se arquitetou no Brasil. Portanto é papel da escola o desenvolvimento de ações antirracistas, no sentido da construção da identidade positivada dos estudantes em relação ao seus pertencimentos étnico-raciais.

## REFERÊNCIAS

FERNANDES, José Ricardo Oriá. O ensino de história e diversidade cultural: desafios e possibilidades. **Caderno Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 67, p. 378-388, set./dez. 2005.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. 2. ed. Brasília: Líber Livro, 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 2. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GOMES, Nilma Lino. Educação cidadã, etnia e raça: o tratado pedagógico da diversidade. *In*: Cavaleiro, Eliane (Org.) **Racismo e Antirracismo na educação**: repensando nossa escola. 4. ed. São Paulo: Selo Negro, 2001.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro no Brasil: ausências, emergências e a produção dos saberes. **Revista Perspectiva**. v. 10 n. 18, 2011.

MUNANGA, Kabengele. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil. *In*: SPINK, Mary Jane Paris (Org.) **A cidadania em construção**: uma reflexão transdisciplinar. São Paulo: Cortez, 1994.

SANTOS, Helio. Discriminação racial no Brasil. **Anais de seminários regionais preparatórios para a conferência mundial contra o racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata**. Brasília: Ministério da Justiça. 2001. p. 81-102.

SANTOS, Boaventura Souza. (Org.). **Reconhecer para libertar**: os caminhos do cosmopolitismo multicultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SANTOS, Helio. **A busca de um caminho para o Brasil**: a trilha do círculo vicioso. Senac, 2018.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

VALENTE, Ana Lúcia Eduardo Farah. **Ser Negro no Brasil Hoje**. 14. ed. São Paulo: Moderna, 1995.